

Corpo-tecelão: a trama em trânsito

The weaving body: the weave in motion

Alexandre Heberte¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7224-5021>

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v19i47.2161>

Aprendi a tecer já adulto, quando cheguei a São Paulo tentando reorganizar a própria vida. O tear apareceu num momento em que meu corpo ainda não entendia exatamente o que fazer de si. Antes disso, existiam apenas fragmentos: a memória de minha mãe costurando até tarde da noite no Juazeiro do Norte, os tecidos espalhados pela casa, o trabalho manual atravessando silenciosamente a infância. Mas eu ainda não sabia que aquele universo já me preparava.

Quando o tear entrou em minha vida, em 2006, não foi apenas um aprendizado técnico. O que começou como um hobby transformou-se lentamente em linguagem, pensamento e forma de permanência no mundo. A repetição do gesto organizou meus pensamentos. O vai e volta da trama reorganizou também meu corpo.

Com o tempo, compreendi que a tecelagem não era apenas produção de objetos. O tecido carregava tempo, insistência, memória e presença. Cada trabalho passou a registrar também os deslocamentos de um corpo em trânsito: do Cariri para São Paulo, do espaço íntimo do ateliê para a rua, das exposições para as oficinas, das práticas individuais para as experiências coletivas, até chegar em Clermont-Ferrand, na França, primeira residência artística fora do Brasil.

Ao longo dessa trajetória, meu interesse foi se afastando da ideia de técnica como finalidade. O que me mobiliza é aquilo que a técnica pode abrir. O corpo aquecido para as experiências. O erro, o desvio, a ruptura da regularidade, o nó que interrompe e reorganiza o tecido. Chamo parte dessa pesquisa de trama experimental: um campo onde o fio deixa de obedecer completamente às estruturas tradicionais e passa a produzir outras possibilidades de relação entre matéria, corpo e espaço.

Desse percurso nasce também a Renda Cariri. Não como repetição de uma tradição específica, mas como invenção atravessada pela memória do Cariri cearense, pela experiência urbana, pelo trabalho contínuo das mãos e pela observação do próprio fazer. Meu trabalho se constrói entre o tear e o corpo. Entre o gesto técnico e a experiência vivida. Muitas vezes, o tecido deixa de ocupar apenas a parede ou o espaço expositivo e passa a operar como presença: tecidos suspensos, vestíveis, ações performáticas, oficinas, instalações e experiências coletivas.

¹ Artista, mestre em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0197513878703119>

Nas ruas, tecer transforma-se em acontecimento. O tear em espaço público ativa conversas, memórias e aproximações inesperadas. As pessoas se reconhecem no gesto manual. Contam histórias de mães, avós e tias que costuravam, bordavam ou teciam. O trabalho têxtil aparece então não apenas como objeto artístico, mas como campo de relação social e afetiva.

Também nas oficinas compreendi que ensinar não significava transmitir uma fórmula pronta. O que procuro ativar é um estado de experimentação. Um espaço onde diferentes corpos possam perceber o tecido como linguagem e pensamento. Muitas vezes, são duas pessoas que ocupam o mesmo tear. O aprendizado acontece no compartilhamento do ritmo, na escuta e na negociação do gesto.

Foi também durante minha formação em Licenciatura em Artes Visuais que comecei a compreender que o que acontecia no tear ultrapassava o campo técnico ou artesanal. A prática já produzia pensamento, presença, deslocamento e modos de existir. Essa percepção se aprofundou no Mestrado em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde desenvolvi a pesquisa “Corpo-tecelão: urdume aberto às tramas experimentais”, sob orientação de Maria Luiza Fatorelli. Foi nesse percurso acadêmico que o conceito de *corpo-tecelão* ganhou forma: não como metáfora, mas como entendimento de um corpo que pensa através do fazer, produz conhecimento na experiência da tessitura e se transforma enquanto tece. O tear deixa então de ser apenas ferramenta e passa a operar como dispositivo de linguagem, escuta e invenção de mundo.

Hoje compreendo o *corpo-tecelão* como um corpo atravessado pela experiência da tessitura. Um corpo que pensa fazendo. Que aprende repetindo. Que organiza memória, tempo e afeto através do fio. A tecelagem me ensinou disciplina, permanência e escuta. Fez também com que eu retornasse à minha própria história por outros caminhos.

As imagens reunidas neste ensaio apresentam fragmentos dessa trajetória: instalações têxteis suspensas, rendas experimentais, vestíveis, ações performáticas e tecidos construídos como paisagem de passagem. Mais do que documentar obras, elas revelam um processo contínuo de investigação, onde o tecido deixa de ser apenas matéria e passa a funcionar como campo de encontro entre corpo, memória e trabalho.

Talvez seja isso que venho tentando tecer todos esses anos: não apenas objetos, mas modos de permanecer sensível ao mundo. O tecido como travessia. O fio como possibilidade de reorganizar a existência. O trabalho manual como forma de presença.

A trama está em trânsito.